

BORDERLINE, IDENTIFICAÇÃO E SUBJETIVIDADE PÓS-MODERNA

Nahman Armony

A grosso-modo pode-se dizer que durante aproximadamente os primeiros 50 anos de psicanálise o neurótico domina a cena psicanalítica e que, de lá para cá, as chamadas síndromes limítrofes têm ocupado um lugar cada vez maior na clínica e no pensamento psicanalítico.

Estes conjuntos (neurose e borderline) referem-se a uma patologia inserida em um tempo, em uma subjetividade. Representam dois períodos: o moderno e o pós-moderno. São representantes, por assim dizer, patológicos, com uma correspondência na normalidade. Existe uma normalidade e uma patologia neurótica e uma outra normalidade e patologia borderline.

Para este dois grupos podemos conceber duas linhas de desenvolvimento diferentes e independentes, cada uma delas apresentando uma gradação que vai do patológico absoluto ao normal ideal. Assim pensam alguns autores como Bergeret, Winnicott e outros. Farei somente uma citação de Winnicott: *“Os psicanalistas experientes concordariam em que há uma gradação da normalidade não somente no sentido da neurose mas também da psicose (...) Pode ser verdade que há um elo mais íntimo entre normalidade e psicose do que entre normalidade e neurose; isto é, em certos aspectos. Por exemplo, o artista tem a habilidade e a coragem de estar em contato com os processos primitivos aos quais o neurótico não tolera chegar, e que as pessoas sadias podem deixar passar para o seu próprio empobrecimento”*¹

Estamos ampliando, desta forma, os conceitos de neurótico e de borderline (neuróide e psicóide segundo André Martins)² estendendo-os a todas pessoas de nossa sociedade, qualquer que seja o grau de patologia, saúde, doença, normalidade, anormalidade, etc. que possa a elas ser atribuído. Daí surgiu a idéia do borderline brando, um borderline próximo do pólo da normalidade³.

Então o neurótico (ou neuróide) pertence a uma episteme e o borderline (ou psicóide) a outra.

¹ Winnicott, D.W.W., 1982, p.21.

² Martins, André, 2002, p.212.

³ Armony, Nahman, 1998.

Cada época tem a sua episteme, a sua subjetividade, subjetividade esta ligada ao tempo histórico e que atravessa os vários segmentos do ser e fazer humano: econômico, político, cultural, familiar, pessoal, etc.

Para efeito de estudo do borderline e do neurótico, escolherei, inicialmente, alguns aspectos da subjetividade: da subjetividade moderna retirarei a repressão e o recalque; da pós-moderna a condescendência, a onipotência mitigada e a cisão. A repressão e o recalque “produzem” a neurose (desde o seu pólo patológico ao seu pólo normal)⁴, enquanto que a condescendência, a onipotência mitigada e a cisão “produzem” a gradação patológico-normal borderline.

Podemos ainda acompanhar um movimento subjetivo que vai da repressão à desrepressão. O borderline só pôde se tornar, na atualidade, uma idéia dominante em virtude do movimento social de desrepressão. Onde podemos, didaticamente melhor visualizar este movimento é na passagem do capitalismo de acumulação que desestimulava o consumo (contenção do desejo, repressão) e estimulava a poupança, para o capitalismo de consumo que desestimula a poupança e estimula o consumo (liberação e incitação do desejo). Também percebe-se este mesmo movimento na família que de repressora tornou-se condescendente, permitindo uma liberdade ampla para a realização de desejos dos filhos. Com isso, há uma tendência de passagem de uma interioridade para uma exterioridade, de uma dinâmica calcada no recalque para uma dinâmica centrada na onipotência/cisão, de um superego forte capaz de se bastar a si mesmo, para um superego dependente da opinião e aprovação do ambiente. O

⁴ Freud em “Análise Terminável e Interminável” escreve: *“A análise, contudo, capacita o ego, que atingiu maior maturidade e força, a empreender uma revisão dessas antigas repressões; algumas são demolidas, ao passo que outras são identificadas, mas construídas de novo, a partir de um material mais sólido. O grau de firmeza dessas novas represas é bastante diferente do das anteriores; podemos confiar em que não cederão facilmente ante uma maré ascendente da força instintual. Dessa maneira, a façanha real da terapia analítica seria a subsequente correção do processo original de repressão, correção que põe fim à dominância do fator quantitativo”*(p.259/260 do vol. XXIII – Edição Standard da Imago, 1975). Na conferência 28 (“Terapia analítica”) de “Conferências introdutórias sobre psicanálise” escreve: *“Não podemos negar que também as pessoas sadias possuem, em sua vida mental, aquilo que, por si só, possibilita a formação tanto dos sonhos como dos sintomas; e devemos concluir que também elas efetuaram repressões, que despendem determinada quantidade de energia a fim de mantê-las, que seu sistema inconsciente oculta impulsos reprimidos ainda catexizado com energia, e que uma parte de sua libido é retirada e deixa de estar à disposição do ego. Assim, também uma pessoa sadia é virtualmente um neurótico; mas os sonhos parecem ser os únicos sintomas que ela é capaz de formar. É verdade que, se alguém submete a um exame mais atento sua vida desperta, descobre algo que contradiz essa aparência – ou seja, que essa vida pretensamente sadia está marcada aqui e ali por grande número de sintomas banais e destituídos de importância prática”*.(p.532/3 do vol. XVI).

dinamismo predominante de funcionamento da personalidade, até então o recalque, passa a ser a onipotência mitigada e a cisão.

REPRESSÃO-RECALQUE

Além da diminuição da repressão social e educacional, além da questão do capitalismo tardio e do declínio do nome-do-pai podemos encontrar outros elementos na genealogia da repressão-recalque. Por exemplo, a atividade da igreja, com sua noção de pecado e culpa, teve seu papel no desenvolvimento da subjetividade moderna. Quero, porém me estender na questão da repressão da conotação da palavra.

Antes do aparecimento da ciência empírico-racional as palavras tinham uma ampla conotação. Com o surgimento das ciências exatas, com sua necessidade de precisão, de cálculo, ela, a ciência, reduziu a conotação à denotação. A palavra não tinha mais uma aura que permitisse uma polissemia, um deslizamento. Ela passou a ser dura, engessada, exata. Isabelle Stengers⁵ dá um exemplo dessa transformação. A noção de **velocidade** reportava-se a um tempo gasto para percorrer um espaço; a noção de **intensidade** tanto servia para falar da velocidade crescente de um corpo em queda, quanto de um cavalo que reduzia sua velocidade por cansaço, como ainda de uma vida que se tornava cada vez mais virtuosa. Intensidade era um conceito holístico que podia ser usado em vários campos da vida, desde a física até a moral. Importante assinalar o aspecto de mistério que a palavra "intensidade" possuía e que a colocava numa região ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, permitindo um uso universal da palavra.

Ao criar o conceito de "velocidade instantânea" Galileu promoveu uma revolução; retirando a subjetividade dos conceitos, tornou-os privativos da física, dando a partida para o esvaziamento do inefável da palavra; também delimitou o campo da física separando-o dos outros campos da vida. Já não era possível usar o conceito de "velocidade instantânea" ou de "aceleração" para falar da moral ou da fisiologia. Porém, fora da física, as palavras conservavam a sombra do incognoscível. Na medida em que as ciências exatas obtiveram um estrondoso sucesso, passaram a paradigma de todos os outros campos do conhecimento que assim deveriam renunciar ao mistério, à subjetividade e à imprecisão - à faixa de desconhecimento enfim - e se conformar à objetividade dos termos das ciências exatas. A denotação da palavra passou a valer mais que a conotação. Com isto expulsava-se do mundo o inefável, o fantasmático, o mítico.

⁵ Stengers, Isabelle, 1990

Descartes falava das idéias “claras e distintas” e Newton organizou o mundo como um mecanismo de relógio, onde tudo funcionaria perfeitamente e tudo seria previsível. O pensamento cartesiano e a física newtoniana fizeram com que a humanidade acreditasse que o mundo poderia se transformar em um paraíso de onde o mal seria abolido. O mundo poderia funcionar como um perfeito mecanismo de relógio. Bastava dar tempo para a ciência trabalhar. A ciência necessitava de conceitos e conceitos eram reduções do campo fenomênico, redução essa que invadiu todo o pensamento existente. O pensamento obedecia à lógica da contradição, à lógica da exclusão. Simplificava-se o mundo através da ciência. Tudo poderia ser explicado por cálculo. Mas para isso as palavras tinham de ser exatas, e com isso reprimiam-se as suas conotações.

Reportemo-nos agora a Foucault. Este autor fala-nos de sociedade imperial e de sociedade disciplinar. Na imperial o homem era livre até o limite em que se chocava com a lei imperial. Na disciplinar o homem era induzido desde cedo a ter um comportamento perpetuador do status-quo. O panóptico de Bentham é a alegoria usada para Foucault esclarecer seu pensamento. Trata-se de uma prisão em círculo em cujo centro há uma torre de observação -- o panóptico. Toda e cada cela era acessível ao olhar do vigia instalado no panóptico. Mesmo que o olheiro não pudesse ver todas as celas ao mesmo tempo, e mesmo que ele nem lá estivesse, os prisioneiros disso não sabiam. Eles agiam como se estivessem sendo observados o tempo inteiro. O vigia tornava-se onipresente e transformava-se em um vigilante interno, dando origem a uma função interna à qual Freud chamou de superegóica. Estamos diante de um superego disciplinador, cruel e recalador.

A sociedade vitoriana foi uma sociedade repressiva que criou a figura do recalque, que é a repressão interna. As empresas desse período necessitavam acumular capital e para isso reprimiam o desejo de consumo para economizar numerário. A acumulação, a disciplina, a ascese, a renúncia aos prazeres, a moderação, eram estimuladas. O homem vitoriano ideal era educado, formal, correto, disciplinado, cumpridor de suas obrigações, honesto, íntegro, retilíneo em sua trajetória de vida, confiável, honrado. Um cavalheiro, um gentleman. Ordem, dever, organização, controle, disciplina eram os preceitos a serem seguidos. Dedicava sua vida à tarefa de crescer lenta e seguramente dentro da atividade e/ou empresa escolhida.

As regras eram estritas e aquele que as seguia era valorizado e recompensado. A sexualidade, o feminino, os sentimentos de fraqueza, dor, tristeza, a espontaneidade, a empatia e a capacidade de identificação eram desvalorizados, reprimidos e recalados.

A educação era repressiva. Na escola valorizava-se a disciplina, o dever, o bom comportamento. A criança era cumpridora de obrigações e entre estas, a de decorar as matérias escolares.

As empresas procuravam funcionários “certinhos”, disciplinados, cumpridores de deveres, assíduos, burocráticos, dedicados à firma e lhes oferecia segurança e aposentadoria.

Acompanhamos algo do surgimento e crescimento da repressão/recalque, substrato sobre o qual se assenta o neuróide. Vamos agora tentar perseguir a subjetividade psicóide que prospera especialmente a partir de meados do século passado. Veremos como a repressão/recalque evolui para a onipotência/cisão.

A família patriarcal entra em declínio. As identificações sólidas com o pai sofrem com a perda de poder desse pai, com sua desorientação diante de um mundo mutável onde nada é seguro, nem o emprego, nem as amizades, nem as convenções sociais, nem a moralidade. Um pai que fica perdido entre o autoritarismo e a condescendência, agindo muitas vezes erraticamente. Um comportamento próprio de um período de transição. O homem firme, seguro, com valores sólidos, com um superego forte, perde seus parâmetros e torna-se um homem inseguro, que não sabe se expressa ou não seus sentimentos, que não sabe se desenvolve ou não sua capacidade de empatia e identificação, que não sabe se deve ou não ser autoritário. Quanto à mãe, chamada a entrar no mercado de trabalho por razões econômicas, também o faz para livrar-se do jugo do marido, para tornar-se independente, valorizar-se, igualar-se subjetiva e hierarquicamente ao marido; ela então, torna-se uma profissional dedicada a sua carreira. Duas conseqüências: menos tempo para o bebê e mais preocupação com o sustento da casa. Esses dois fatores diminuem sua disponibilidade para o bebê, e a fusão e a identificação mãe/bebê ficam prejudicadas, remetendo-nos a questões de identidade/identificação.

O borderline, visto de um ângulo negativo será dito como tendo insuficiência de identificações, expressão que poderá ser substituída por valências identificatórias abertas, se olharmos o mesmo fenômeno positivamente, à luz de uma outra episteme.

Segundo Freud, quando o complexo de Édipo se resolve satisfatoriamente o homem adquire um superego sólido que dificilmente se deixará modificar pelo ambiente. O borderline pensado na perspectiva edípica será falado como tendo um superego frouxo, lábil, influenciável, correspondente à descrição freudiana do superego

feminino. Justamente é este superego poroso -- que se deixa penetrar e influenciar -- que privilegiará o homem da pós-modernidade, tornando-o apto a acompanhar as rápidas transformações da cultura.

Grinker⁶ fala de quatro níveis de borderline: Grupo 1- O borderline psicótico – comportamento inapropriado e não adaptado. Deficiente senso de identidade e de realidade. Comportamento negativo e raivoso em relação às pessoas. Depressão. Grupo 2- O borderline nuclear – Envolvimento flutuante com outros. Expressões abertas e atuadas de raiva. Depressão. Ausência de indicações de um self consistente. Grupo 3 – Personalidades ‘como se’ – comportamento adaptado e apropriado. Relações complementares. Pouca espontaneidade e afeto em resposta a situações. Defesas: afastamento e intelectualização. Grupo 4- O borderline neurótico – Depressão anaclítica (semelhante à da infância). Ansiedade. Semelhança com caráter narcisista neurótico. Influenciado por essa sistematização agrupei esse conjunto humano em borderline pesado (patológico), borderline falso-self e borderline brando (próximo da normalidade).

Manter as valências identificatórias em aberto é conservar características infantis e adolescentes: curiosidade, alegria, prazer, empatia, necessidade de identificação não apenas mental, mas principalmente psicossomática. Para preencher suas valências identificatórias abertas, o borderline pesado poderá procurar figuras de identificação, das quais exigirá uma conduta tal, que será incompatível com uma boa relação interpessoal. Ele exigirá comportamento de mãe primeva e de pai primevo da pessoa escolhida para seu par, e fará demandas impossíveis de serem atendidas. Seguem-se a frustração, a separação, o abandono, o sentimento de solidão, de vazio, de incompreensão; aparecem a depressão, a ansiedade, os distúrbios de conduta, os comportamentos perversos, as somatizações, os sintomas neuróticos, as vivências psicóticas, etc. Deste jardim florido cada borderline “escolherá” o seu buquê.

Poderá, porém usar as suas valências identificatórias abertas para realizar uma identificação em devir, uma identificação dual-porosa com o mundo circundante. Esta intimidade com o mundo poderá permitir que ele realize os seus desejos infantis onipotentes mitigados no social, tornando-o um membro produtivo da sociedade.

O borderline acopla-se melhor à sociedade pós-moderna por sua maior flexibilidade, por não possuir uma identidade firme, por não possuir um superego

⁶ Grinker,R.R., .Werble,B., Drye,R.C., 1968, p.83-90.

sólido. Existe uma afinidade entre a sociedade pós-moderna e o borderline, o que é uma redundância, pois simplesmente o borderline faz parte dessa sociedade. As empresas já não querem funcionários disciplinados e burocráticos, mas homens criativos. A escola já não fala em disciplina, dever e decoreba, mas sim em criatividade, pesquisa, singularidade, estimulação afetiva. Mais que uma ação repressiva temos um estímulo à criatividade. Mais que recalque com seus derivados temos a alternância onipotência/impotência, com uma compartimentação destes dois estados, caracterizando uma cisão. O borderline brando pode ser considerado o homem da pós-modernidade por sua inquietude, flexibilidade, criatividade, sensibilidade, empatia, permeabilidade, intuição, pela sua apreensão mais direta, menos mediada da realidade, pela sua capacidade de detectar os mínimos movimentos do inconsciente pessoal, coletivo e cultural.

As rápidas conquistas tecnológicas desestabilizaram o sistema das grandes empresas burocratizadas. As empresas, que até então valorizavam o homem correto, de sólida e monodirigida formação profissional, que valorizavam um currículo acadêmico e um currículo profissional voltado a uma única atividade, valorizavam a disciplina, o horário, a assiduidade, passaram a preferir o homem de múltiplos conhecimentos e capacidades, de múltiplas experiências, um homem enriquecido por uma vida variada e dispersa, um homem capaz de se safar de situações difíceis e complexas, um homem criativo.

Na família, as identificações sólidas tornaram-se problemáticas pela solicitação que o mercado e a vida atual fazem à mãe e pela perda da posição de patriarca por parte do homem, o que o deixou confuso, em estado de busca de uma nova identidade familiar. Os parâmetros morais também se modificaram colocando o homem em conflito consigo mesmo e muitas vezes com o entorno. Em consequência os filhos ficam com o que seria um déficit de identificações, se visto pelo lado negativo, ou como valências identificatórias abertas, se visto pelo lado positivo.

O pai, até então idealizado, preservado em sua autoridade e onipotência, distante de seus filhos em termos de uma amorosidade explícita e ativa, alvo de um respeito reverencial, estímulo para a revolta ou a submissão dos filhos, vai-se tornando mais próximo, evitando provocar o temor reverencial, mostrando suas dúvidas e fraquezas, seu lado feminino, e sendo percebido/sentido em seu dilaceramento. O filho ou se

identifica com a inconstância e cria um self criativo e um ego flexível – e aí teremos um borderline brando --- ou fica baratinado, sem ponto de referência, sem âncora, sem um eixo. As conseqüências negativas podem ser a busca de grupos místicos e de drogas, a depressão, a ansiedade, a desorientação, a síndrome borderline pesada, o pânico, etc.

BORDERLINE

O borderline pesado é polissintomático, ambulatorio, com dificuldades nas relações pessoais por sua fragmentação ou por suas necessidades narcísicas exacerbadas, com tendência à atuação, com problemas na área afetiva, com questões nas áreas das identificações e identidade, necessitando de uma circunvizinhança humana para atuar os seus fantasmas, com labilidade de humor, com tendência à exagerada dependência afetiva muitas vezes reativamente negada, usando excessivamente a identificação projetiva e introjetiva, com extrema sensibilidade e susceptibilidade, incomumente e seletivamente permeável ao próprio inconsciente, ao inconsciente do outro e à subjetividade circulante.

Se peneirarmos o borderline acima de maneira a obter a farinha purificada do borderline brando, sobrar a tendência à atuação, a necessidade afetivo/dinâmica de uma circunvizinhança humana para nela atuar seus fantasmas e realizar seus desejos infantis, o uso da divisão/compartimentação e da onipotência mitigada de forma não incompatível com o social, a extrema sensibilidade, a incomum permeabilidade ao próprio inconsciente, ao inconsciente do outro e à subjetividade circulante; tal permeabilidade permite-lhe identificar-se continuamente, em devir, com o que o rodeia. A essa identificação dei o nome de "identificação dual-porosa", "identificação transitória", "identificação contínua", e, posso agora acrescentar, "identificação em devir". (Borderline: uma outra normalidade)

O borderline brando tende mais à multiplicidade do que ao polissintomático, o que significa que ele não inibe os vários aspectos de sua personalidade em favor de um único aspecto, mantendo as suas várias potencialidades disponíveis para serem usadas. No que diz respeito à sensibilidade/susceptibilidade narcísica ela apresenta-se menos como uma ferida e mais como um instrumento de conhecimento do outro; a permeabilidade das fronteiras do eu, que poderia torná-lo vulnerável às afetações do outro mantém-se como sensibilidade que permite conhecer o outro, propiciando o desenvolvimento de afetos e sentimentos pertinentes à relação em curso. Assim, ao invés

de um fechamento nas próprias fantasias, há uma abertura para o conhecimento das fantasias do outro. A permeabilidade das fronteiras, que no borderline pesado pode ser usada contra o outro ou pode dar lugar a um excesso de identificação projetiva e introjetiva, no borderline brando muda de qualidade, transformando-se em identificação dual-porosa, uma identificação que permite um regime de trocas fantasmáticas e afetivas contínuas entre os seres humanos entre si e com o mundo circundante. A porosidade tanto funciona em relação ao mundo externo (a um outro humano, sim, mas também em relação à cultura, à natureza, ao planeta), quanto ao mundo interno, isto é, na percepção do próprio inconsciente. Em se tratando do borderline brando, as trocas fantasmáticas e afetivas ocorrem em um espaço potencial ou a ele equivalente, o que significa que ao objeto subjetivo superpõe-se o mesmo objeto objetivamente percebido. A identificação dual-porosa mostra-se um precioso instrumento de conhecimento, relação e comunicação, permitindo surfar nas ondas do devir, possibilitando ao borderline deslizar e se enleiar nas sutis e infindas variações de um mundo em constante mutação. A tendência à dependência do borderline pesado, traduz-se no borderline brando pelo reconhecimento da necessidade afetiva de um outro também dual-poroso, de tal maneira que um regime de trocas, onde vigore tanto o subjetivo quanto o objetivamente percebido, possa ser estabelecido.

O estado de identificação em devir encontrado no borderline brando (o homem pós-moderno) entrelaça-o à subjetividade contemporânea como sujeito criativo e transformador.

Nahman Armony

Membro psicanalista da CPRJ e da SPID

Psiquiatra

Doutor em Comunicação pela ECO da UFRJ

Professor do curso de pós-graduação lato-senso “Psicologia clínica e Psicossomática” da Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro.

Rua Paissandu, 94, apt.402, Flamengo. CEP: 22210-080.

Telefone: 22858782

e-mail: nahman@uol.com.br

BIBLIOGRAFIA

Armony, N. – “Borderline, uma outra normalidade”. Rio de Janeiro, Editora Revinter, 1998.

Freud, S. – “Análise terminável e interminável” (1937) Edição Standard Brasileira vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.

Idem – “Terapia analítica”, conferência 28, vol. XVI.

Grinker,R.R., Werble,B., Drye,R.C. – “The Borderline Syndrome”. New York, Basic Books Inc., 1968.

Martins, A. – “Pulsão de morte? Natureza e cultura na metapsicologia freudiana”. Tese de doutorado em Psicologia Psicanalítica – UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

Stengers,I. – “Quem tem medo da ciência?”. São Paulo, Siciliano, 1990.

Winnicott,D.W. (1959-1964) – “Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica?” IN “O ambiente e os processos de maturação”. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.